

Mundo



SUBORNO A EX-ATRIZ pornô
Defesa de Trump tenta intimidar Cohen
Testemunho de ex-advogado é marcado por pressão 'balões de pénis' nas ruas



EIXO PEQUIM-MOSCOU

Em reunião, Putin e Xi exaltam parceria bilateral e atacam comportamento 'desestabilizador' dos EUA

A Rússia, com seus 17 milhões de quilômetros quadrados, e a China, com seus 9,6 milhões de quilômetros quadrados, dominam com folga o mapa-múndi na Ásia. Ontem, os presidentes dos dois países, que há dois anos firmaram uma "aliança sem limites", deram um passo mais na consolidação dessa parceria geopolítica com o início da visita de dois dias de Vladimir Putin a Pequim, onde se reuniu com o anfitrião Xi Jinping. É a primeira viagem de Putin ao exterior em seu quinto mandato à frente do Kremlin, com objetivo de demonstrar proximidade ao aliado, e serviu para os dois líderes expressarem visões comuns de mundo e atacarem os Estados Unidos, cujo comportamento foi chamado de "desestabilizador".

Putin foi recebido com honras por Xi no Grande Salão do

Povo de Pequim. A prioridade dada ao país decorre do alto grau de alinhamento entre os dois líderes — que se encontraram mais de 40 vezes desde que Xi chegou ao poder, em 2012 — e da integração econômica, altamente importante para a Rússia, sobretudo com as sanções impostas pelos países ocidentais após o início da guerra na Ucrânia em 2022.

No ano passado, o comércio da Rússia com a China bateu a cifra recorde de US\$ 240 bilhões, um aumento de 60% em relação ao período anterior à guerra. A China foi destino de um terço das exportações da Rússia e responsável por 40% das importações do país, segundo a Alíndexa chinesa. O aumento no fluxo de comércio serviu também para realçar uma estratégia maior abraçada pelos dois países (e outros, incluindo o Brasil) de desafiar a hegemonia do dólar americano nas transações fi-

nanceiras internacionais. No encontro, Putin destacou que 90% do comércio entre os dois países hoje é feito com suas moedas nacionais.

O encontro entre os líderes anti-Ocidente ocorreu em clima amistoso. Xi chamou Putin de "velho amigo", ao passo que o russo se declarou "agradecido" à China por suas iniciativas de paz na Ucrânia. Em uma entrevista coletiva conjunta, um aborou temas de interesse do outro.

'FATOR DE ESTABILIDADE'

Putin classificou como "prejudicial" qualquer aliança política-militar "backlash" na região Ásia-Pacífico, onde Pequim trava uma disputa com os EUA por influência. Além das tensões históricas envolvendo Taiwan, um ponto de atrito direto entre os chineses e americanos, Washington investiu na criação da aliança Aukus, de cooperação militar, com Aus-

trália e Reino Unido, para enfrentar a influência chinesa. No mesmo sentido, o presidente americano, Joe Biden, também estreitou cooperação estratégica com o Japão.

Xi, por sua vez, declarou que a relação entre Pequim e Moscou "não é apenas de interesse fundamental para os dois países e os dois povos, mas igualmente é propícia à paz".

— A atual relação entre China e Rússia foi conquistada com esforço. As duas partes devem apreciá-la e cultivá-la — insistiu o líder chinês, segundo trechos do discurso divulgados pelo Ministério das Relações Exteriores do país.

O presidente russo ainda destacou que relações entre os dois países "não são oportunistas, nem direcionadas contra ninguém".

— Nossa cooperação nos temas internacionais é um dos fatores de estabilidade no cenário internacional —

disse Putin, segundo a transmissão nos canais de televisão russos.

MISSÉIS AMERICANOS

No comunicado final, divulgado após o encontro, os dois líderes dizem que as relações entre China e Rússia "apresentam uma forma mais avançada de interação interestatal em comparação com as alianças político-militares da Guerra Fria, e não são de confronto por natureza ou baseadas em blocos", conforme texto divulgado no site do Kremlin. Ambos reiteraram agir em conformidade com as leis internacionais e a Carta da ONU, defendendo a expansão da cooperação — palavra que aparece quase cem vezes no extenso documento — em praticamente todos os campos e "reafirmam o desejo de contribuir para a formação de uma ordem mundial multipolar mais justa e sustentável".

Tal como nas declarações dos líderes, o texto traz críticas aos EUA e acusa o país de atuar como elemento desestabilizador na Ásia-Pacífico, na Europa e no Oriente Médio. "Os EUA ainda pensam em termos de Guerra Fria e são guiados pela lógica do confronto em bloco, colocando a segurança de 'grupos restritos' acima da segurança e estabilidade regionais, o que cria uma ameaça à segurança de todos os países da região Ásia-Pacífico". Os EUA devem abandonar esse comportamento, diz o comunicado final.

Os líderes ainda expressaram preocupação com o que veem como expansão dos sistemas de mísseis pelos EUA na Europa e Ásia-Pacífico, no que China e Rússia veem como uma potencial criação de um sistema balístico internacional contra os dois países ou qualquer um que não se alinhe com Washington.

EUA CRITICAM PEQUIM

Sobre a guerra na Ucrânia, Xi — que ignorou as críticas ocidentais ao estreitar a relação com Putin e foi cobrado pelo secretário de Estado americano, Antony Blinken, em encontro no mês passado sobre o apoio da China à Rússia — defendeu uma "solução política". A relação com a Rússia permite à China importar energia barata russa e ter acesso aos seus vastos recursos naturais.

— Putin pretende demonstrar que as relações China-Rússia entraram em outro nível — declarou o analista político russo independente Konstantin Kalachev à AFP. — Sem falar na amizade pessoal, visivelmente sincera entre os dois líderes.

Horas depois do fim da reunião, Vedant Patel, porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, disse que Pequim "não pode ter melhores relações com a Europa enquanto segue alimentando a maior ameaça à segurança europeia", referindo-se à Rússia.

Com AFP



Velhos amigos. Os presidentes Xi e Putin passam uma guarda de honra em revista na visita do russo a Pequim: os dois já se encontraram mais de 40 vezes desde a ascensão do líder chinês em 2012

Otan já considera o envio de instrutores militares à Ucrânia

Discussão ocorre em meio a ofensiva russa e dificuldades de Kiev no front

BRUNO

Os países da Otan, a principal aliança militar do Ocidente, estão cada vez mais perto de enviar pessoal à Ucrânia, em missões de treinamento das forças locais, no momento em que Kiev se encontra em uma posição complicada na guerra, em meio a uma ofensiva russa e com tropas cada vez mais escassas.

Segundo o New York Times,

o general Charles Brown Jr, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas, sinalizou que o envio de militares para treinamentos dentro da Ucrânia é algo "no qual está se trabalhando", sem sinalizar se oficiais dos EUA estariam envolvidos.

Desde o ano passado, o governo ucraniano tem reclamado do ritmo considerado lento de entrega de armamentos, algo que o presidente Vo-

loodymyr Zelensky disse ontem ser responsável pelo avanço dos russos. E diante de um número escasso de recrutas, que levou à redução da idade mínima de convocação e à possibilidade de detentos lutarem, Kiev pediu ajuda da Otan para acelerar o treinamento de até 150 mil novos combatentes.

Hoje, boa parte dos treinamentos específicos ocorre na Polónia, na Alemanha e nos EUA, em processos caros que

demandam tempo, algo que os ucranianos têm cada vez menos. E a ideia de levar os instrutores para a Ucrânia não é nova: em fevereiro, o presidente da França, Emmanuel Macron, provocou polêmica ao dizer que o envio de militares da Otan para o território ucraniano "não deve ser excluído".

DECISÃO DIFÍCIL

Mas o próprio general Charles Brown Jr, citado pelo New York Times, afirma que essa é uma decisão difícil de ser tomada. A começar por questões práticas: a presença dos instrutores ocidentais em um cenário de guerra exigiria meios para protegê-los, e poderia demandar recursos destinados aos ucranianos.

Há ainda o aspecto político: caso eles fossem feridos ou mortos em um ataque russo, haveria pressão para que fosse acionado o Artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, que considera o ataque contra um dos membros da aliança um ataque a todos, elevando o risco direto de uma guerra entre os países da organização e a Rússia. Em fevereiro, o presidente russo, Vladimir Putin, disse que a intervenção ocidental na Ucrânia poderia levar a uma guerra nuclear.

Até o momento, a Casa Branca rejeita a ideia, mesmo que sejam instrutores sem função no campo de batalha, de certa forma repetindo o que aconteceu no Iraque após o fim oficial dos combates no país árabe. O governo Biden

também pede a seus aliados da Otan que não enviem forças ao país, em qualquer circunstância. Além dos instrutores, os EUA sofrem pressão da Ucrânia para liberarem ataques com armas americanas contra o território russo. Kiev tem atingido alvos a até mil quilômetros de distância, usando drones e outros tipos de armamentos, mas a Casa Branca pede que seus mísseis não sejam usados nessas ações, temendo uma represália russa. Segundo o site Politico, um grupo de parlamentares ucranianos está em Washington em busca de apoio do Congresso americano para obter essa concessão do governo Biden.

Com The New York Times

também pede a seus aliados da Otan que não enviem forças ao país, em qualquer circunstância.

Além dos instrutores, os EUA sofrem pressão da Ucrânia para liberarem ataques com armas americanas contra o território russo. Kiev tem atingido alvos a até mil quilômetros de distância, usando drones e outros tipos de armamentos, mas a Casa Branca pede que seus mísseis não sejam usados nessas ações, temendo uma represália russa. Segundo o site Politico, um grupo de parlamentares ucranianos está em Washington em busca de apoio do Congresso americano para obter essa concessão do governo Biden.

Com The New York Times